

Renegociação da dívida agrada a Sarney

Bresser afirma, de volta ao País, que as negociações avançam, apesar dos radicais

ARNOLFO CARVALHO
Enviado Especial

Washington — O presidente José Sarney está satisfeito com o encaminhamento das negociações da dívida externa e tem dado todo o apoio ao ministro da Fazenda, Bresser Pereira, que encerrou ontem sua participação na 42ª Assembléia Anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial com um discurso reafirmando suas teses econômicas e condenando a ação de "uns poucos radicais no Brasil" que tentam impedir a reintegração do País ao sistema financeiro internacional.

A informação sobre a satisfação do presidente da República foi dada pelo próprio ministro, antes de embarcar para Nova Iorque de onde seguiu, à noite, para o Rio. Bresser disse que vem conversando com Sarney sobre o diálogo com os banqueiros, que será retomado formalmente amanhã, durante a segunda reunião entre o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e o Comitê de Assessoramento dos bancos credores, na sede do Citicorp, em Manhattan.

Os últimos contatos que o ministro da Fazenda manteve com os credores indicam que ainda há reticências à proposta brasileira, embora a assembléia do FMI/Banco Mundial tenha contribuído para o esclarecimento das "idéias alternativas" introduzidas pelo Brasil, bem como para o registro de declarações um pouco mais receptivas. "Eles ainda estão um pouco confusos, acharam as mudanças muito grandes e agora têm que se ajustar a estas mudanças" — disse o ministro.

Além de "confusos", os credores estão também bastante preocupados com a situação política brasileira, não só com

as indefinições da Constituinte como, também, com o curto prazo. O próprio ministro da Fazenda voltou a reconhecer isto ontem, admitindo também que vai levar pelo menos mais duas semanas para começarem a se situar melhor diante da proposta brasileira. Os banqueiros ficaram incomodados também com a publicação da proposta de renegociação.

Na verdade foi o próprio Bresser que havia mandado distribuir a proposta à imprensa, contra a vontade de Milliet, para tentar capitalizar a opinião pública interna e externa. Ele agora pede para "deixar em paz" o principal negociador, que é o ex-presidente do Banco Central, Fernão Bracher, considerado mais hábil e mais bem-relacionado internacionalmente do que o atual presidente.

Sobre a assembléia do FMI/Banco Mundial, ele acredita que o resultado mais positivo para os interesses brasileiros foi o reconhecimento, nos pronunciamentos e documentos oficiais, de que a dívida externa precisa ser tratada também pelo aspecto da desvalorização dos créditos a receber pelos credores por parte do mercado. "O fato novo fundamental foi o desconto no mercado financeiro internacional e depreciação das ações dos bancos" — avaliou.

Houve também o reconhecimento de que o endividamento externo é mais grave do que parecia, de que são necessárias inovações para reduzir seu valor e, ainda, de que a responsabilidade na busca de soluções para o problema deve ser repartida entre devedores e credores. Bresser considerou importante também o fato de se ter aceito as suas idéias de conversão da dívida em títulos no cardápio de opções admitido pelo FMI.

Bresser acredita que conseguiu estabelecer boas relações com os dirigentes econômicos dos governos de países credores, a começar pelo secretário norte-americano do Tesouro, James Baker III, que admitiu publicamente o fato de a proposta brasileira ser digna de consideração. "Isso aconteceu porque as idéias que o Brasil apresentou, e que pareciam revolucionárias, são idéias que já estão sendo aceitas e cooptadas por eles" — afirmou, acrescentando que "ninguém está querendo fazer revolução".

Referindo-se a seu discurso final na assembléia do FMI/Banco Mundial, o ministro disse que mencionou a ação de radicais no Brasil porque muitas vezes se acredita que se deve a posições extremistas pressões para impedir o retorno do País ao sistema financeiro internacional. "São radicais de esquerda ou de direita, mas são muito poucos" — observou, lembrando que na realidade o grande obstáculo à reintegração brasileira no sistema é a enorme dívida externa, além da forma "pouca imaginativa de administrá-la".

A referência que o secretário Baker fez à possibilidade de se incluir a conversão da dívida em títulos entre as soluções imaginativas defendidas pelo Brasil foi considerada, pelo ministro da Fazenda, como um avanço importante. Outro ponto anotado por Bresser foi a insistência, surgida nesta assembléia, em se orientar o Fundo Monetário Internacional no sentido do crescimento econômico nos países que se submetem aos seus programas. O Brasil "não está contando com pressões" junto ao governo dos Estados Unidos para que também os banqueiros aceitem estas novas teses, mas acha que a demonstração de "simpatia" será de grande ajuda.

REUTERS